

Seu Guia de Defesa contra a Astrologia

Andrew Fraknoi

Astronomical Society of the Pacific

traduzido e adaptado*por

João Braga e Carlos A. Wuensche

Instituto de Pesquisas Espaciais

*com permissão da revista “Sky & Telescope”.

1 Introdução

Acontece com todos nós—astrônomos profissionais, amadores, ou “entendidos” em geral. Comentamos com alguém o nosso interesse nos céus e rapidamente nos encontramos mergulhados em um debate sobre *astrologia*. Para muitos de nós é difícil saber como responder educadamente a alguém que leva a sério esta antiga superstição.

A revelação de que a programação diária na Casa Branca de Reagan era feita com base nas predições de um astrólogo de São Francisco tem canalizado novas atenções para o problema da alta aceitação pública da astrologia. Mais do que nunca, os astrônomos estão sujeitos a se defrontarem com desafios a respeito do valor e da eficácia da astrologia. Neste sentido, eis aqui um guia prático para algumas das respostas que você pode dar a questões levantadas por astrólogos.

2 As doutrinas da astrologia

A base da astrologia é surpreendentemente simples: o caráter e o destino de uma pessoa podem ser determinados a partir das posições do Sol, da Lua, e dos planetas no momento do nascimento. Interpretando a localização destes astros, utilizando uma carta chamada *horóscopo*, os astrólogos pretendem prever e explicar o curso da vida, e ajudar pessoas, empresas e nações a tomar decisões de grande importância.

Por mais improváveis que estas pretensões possam parecer a alguém que saiba o que realmente são o Sol, a Lua e os planetas, e a que distância estão de nós, o Instituto Gallup, em 1984, revelou que 55% dos adolescentes americanos acreditavam em astrologia. Além disso, milhares de pessoas, diariamente, tomam decisões médicas, profissionais e pessoais, de importância crucial, baseadas em conselhos recebidos de astrólogos e de publicações astrológicas.

Os detalhes precisos da origem da astrologia estão perdidos na antigüidade, mas a astrologia tem milhares de anos de existência e aparece sob muitas formas em muitas culturas. Ela floresceu em um tempo em que a visão humana do mundo era dominada por magia e superstição, quando a necessidade de compreender os desígnios da natureza era geralmente uma questão de vida ou morte.

Objetos celestes eram então considerados como deuses, espíritos poderosos, ou, no mínimo, símbolos de personagens divinos que gastavam seu tempo brincando com o dia-a-dia dos humanos. As pessoas procuravam ansiosamente por sinais celestes que indicassem o que os deuses iriam fazer em seguida. Neste contexto, um sistema que conectasse os planetas brilhantes e as constelações zodiacais com questões existenciais era atraente e tranquilizador. E, mesmo hoje, apesar de todo o esforço da educação científica, a atração da astrologia sobre muitas pessoas não diminuiu. Para elas, pensar em Vênus como um mundo desértico coberto de nuvens e quente como um forno é muito menos interessante do que vê-lo como um ajudante para decidir com quem se casar.

3 Dez perguntas constrangedoras

Um bom modo de começar a pensar na perspectiva astrológica é fazer uma análise cética, porém bem-humorada, das conseqüências lógicas de algumas de suas reivindicações:

1. **Qual é a probabilidade de que 1/12 da população da Terra esteja tendo o mesmo tipo de dia?** Escritores de colunas astrológicas (que aparecem em mais de 1200 jornais diários só nos Estados Unidos) defendem que você pode saber alguma coisa sobre o seu dia lendo um dos 12 parágrafos do horóscopo no jornal matutino. Uma simples divisão mostra que, neste caso, as mesmas previsões seriam adequadas a 400 milhões de pessoas em todo o mundo, todos os dias. Isto esclarece porquê as previsões astrológicas usam a linguagem mais vaga e geral possível.
2. **Por que o momento do nascimento, e não o da concepção, é crucial para a astrologia?** A astrologia parece ser científica para algumas pessoas porque o horóscopo é baseado em um dado exato: a hora do nascimento. Quando a astrologia foi estabelecida há muito tempo atrás, o momento do nascimento era considerado o mágico momento da criação da vida. Mas hoje sabemos que o nascimento é apenas o final de nove meses de desenvolvimento contínuo dentro do ventre da mãe. Na verdade, cientistas acreditam hoje que muitos aspectos da personalidade da criança são estabelecidos bem antes do nascimento.

Suspeitamos que a razão pela qual os astrólogos ainda consideram a hora do nascimento tem pouco a ver com a “teoria” astrológica. Quase todos os clientes sabem quando nasceram, mas é difícil (e talvez embaraçoso) identificar o momento exato da concepção.
3. **Se o ventre materno pode manter influências astrológicas afastadas até o nascimento, por que não se pode fazer o mesmo com um envoltório de tecido humano?** Se forças tão poderosas emanam dos céus, por que elas são inibidas antes do nascimento por uma fina camada de músculos, carne e ossos? Se o horóscopo potencial de um bebê for desfavorável, nós não poderíamos atrasar a ação das influências astrológicas envolvendo o recém-nascido em tecido humano até que os sinais celestes fossem mais propícios?
4. **Se os astrólogos são tão bons assim, por que eles não são mais ricos?** Alguns astrólogos dizem que eles não podem prever eventos específicos, apenas tendências. Outros dizem ser capazes de antever grandes eventos, mas não pequenos acontecimentos. De qualquer modo, os astrólogos poderiam ganhar bilhões prevendo, por exemplo, o comportamento global do mercado de ações, e portanto não teriam que cobrar altas taxas a seus clientes. Em outubro de 1987, quantos astrólogos previram a “Black Monday” na bolsa de Nova York e preveniram seus clientes?
5. **Os horóscopos feitos antes da descoberta dos três planetas mais exteriores são incorretos?** Alguns astrólogos defendem que o signo solar (a localização do Sol no zodíaco no momento do nascimento), usado isoladamente, como é feito por muitos jornais, é um guia inadequado para os efeitos do cosmo. Estes praticantes “sérios”

(geralmente aqueles que não conseguem entrar no lucrativo negócio das colunas em jornais) insistem que a influência de *todos* os principais corpos do Sistema Solar deve ser levada em conta—incluindo Urano, Netuno, e Plutão, que não eram conhecidos até 1781, 1846, e 1930, respectivamente.

Neste caso, o que acontece com todas as previsões feitas antes da descoberta destes astros? Todos os horóscopos feitos antes de 1930 estavam errados? E por que as imprecisões dos horóscopos anteriores não levaram os astrólogos a deduzir a presença de Urano, Netuno e Plutão muito antes dos astrônomos? E se os astrônomos encontrarem um décimo planeta? E qual é a influência dos asteróides e das grandes luas dos planetas exteriores?

6. **Nós não deveríamos condenar a astrologia como uma forma de discriminação?** Numa sociedade civilizada são deplorados todos os sistemas que julgam indivíduos meramente por sexo, cor da pele, religião, pátria de origem e outras características casuais de nascimento. Mesmo assim, os astrólogos defendem que podem avaliar pessoas com base numa outra característica casual de nascimento: a posição dos corpos celestes. Será que recusar-se a sair com uma Leonina ou não contratar um Virginiano não é tão preconceituoso quanto não sair com uma católica ou não contratar um negro?

7. **Por que diferentes escolas da astrologia discordam tão fortemente entre si?** Astrólogos parecem discordar nos aspectos mais fundamentais de sua arte: se devem ou não incluir a precessão do eixo da Terra, quantos planetas e outros objetos celestes podem ser incluídos, e—o que é mais importante—quais tendências de personalidade acompanham os fenômenos cósmicos. Leia 10 colunas astrológicas diferentes, ou examine uma previsão feita por 10 astrólogos diferentes, e provavelmente você terá 10 interpretações diferentes.

Se a astrologia é uma ciência, como afirmam seus defensores, por que os seus praticantes não convergem para uma teoria de consenso depois de milhares de anos coletando dados e refinando suas interpretações? Idéias científicas geralmente convergem com o passar do tempo, na medida em que são testadas no laboratório ou comparadas com fatos. Por outro lado, sistemas baseados em superstição ou crenças pessoais tendem a divergir na medida em que seus praticantes criam nichos distintos enquanto lutam por poder, dinheiro ou prestígio.

8. **Se a influência astrológica é veiculada por alguma força conhecida, por que os planetas dominam?** Se os efeitos da astrologia podem ser atribuídos à gravidade, a forças de maré, ou ao magnetismo (cada um é invocado por uma escola diferente), até mesmo um aluno iniciante de Física pode fazer os cálculos necessários para saber o que realmente afeta um bebê recém-nascido. Por exemplo, a atração gravitacional do obstetra que faz o parto do bebê é seis vezes maior do que a de Marte, e sua força de maré é aproximadamente dois trilhões de vezes maior. O médico pode ter uma massa muito menor do que a do planeta vermelho, mas está bem mais perto do bebê!

9. **Se a influência astrológica é veiculada por alguma força desconhecida, por que esta é independente da distância?** Todas as forças de longo alcance conhecidas no universo tornam-se mais fracas à medida em que os objetos ficam mais distantes entre si. Porém, as influências astrológicas independem completamente da distância, como se pode esperar de um sistema centrado na Terra e concebido há milhares de anos atrás. A importância de Marte no seu horóscopo é idêntica quer o planeta esteja do mesmo lado do Sol em que a Terra se encontra, quer sete vezes mais distante, do outro lado. Uma força que não depende da distância seria uma descoberta revolucionária.
10. **Se as influências astrológicas não dependem da distância, por que não existe astrologia de estrelas, galáxias, e quasares?** O astrônomo francês Jean-Claude Pecker lembra que os astrólogos parecem ter uma visão bastante curta por limitarem sua arte ao nosso sistema solar. Bilhões de corpos extraordinários em todos os confins do universo deveriam somar sua influência àquela proporcionada pelos nossos pequenos Sol, Lua e planetas. Será que um cliente cujo horóscopo omite os efeitos de Rigel, do pulsar do Caranguejo e de M31 realmente recebe uma interpretação completa?

4 Testando a astrologia

Mesmo se déssemos aos astrólogos o benefício da dúvida em todas essas questões—supondo que influências astrológicas possam existir além do nosso conhecimento atual do universo—há um ponto final definitivo: a astrologia simplesmente não funciona. Vários testes já mostraram que os astrólogos, ao contrário de suas afirmações, não conseguem prever nada. Afinal de contas, não é necessário que saibamos *como* uma coisa funciona para ver *se* ela funciona.

Durante as últimas duas décadas, enquanto os astrólogos têm andado de alguma forma ocupados demais para realizar testes estatísticos que validem seus trabalhos, físicos e cientistas sociais fizeram o trabalho por eles. Vamos considerar alguns estudos representativos. O psicólogo Bernard Silverman, da Michigan State University, investigou as datas de nascimento de 2.978 casais que estavam se casando e 478 que estavam se divorciando. A maioria dos astrólogos afirma ser possível prever pelo menos quais signos astrológicos serão compatíveis ou incompatíveis no que diz respeito a relações pessoais. Silverman comparou tais previsões com os registros reais e não encontrou correlação alguma. Casais “incompatíveis” casavam-se e descasavam-se com a mesma frequência que casais “compatíveis”.

Muitos astrólogos insistem que o signo solar de uma pessoa está fortemente relacionado com a sua carreira profissional. Na verdade, conselhos profissionais constituem uma importante função da astrologia moderna. O físico John McGervey, da Case Western Reserve University, pesquisou biografias e datas de nascimento de 6.000 políticos e 17.000 cientistas para ver se membros dessas profissões se encaixariam em determinados signos, conforme previsões astrológicas. Sua constatação foi que os signos de ambos os grupos estavam distribuídos de modo completamente aleatório.

Para superar as objeções dos astrólogos, que argumentam no sentido de que somente o signo solar não é suficiente para uma leitura, o físico Shawn Carlson, do Lawrence Berke-

ley Laboratory, criou um experimento engenhoso. Ele pediu a grupos de voluntários que fornecessem as informações necessárias para a elaboração de um horóscopo completo, e que preenchessem o “California Personality Inventoire”, um questionário de psicologia padrão que usa exatamente os tipos de termos descritivos vagos e gerais usados pelos astrólogos.

Uma organização astrológica “respeitada” construiu então horóscopos para os voluntários, e 28 astrólogos profissionais que tinham previamente aprovado o procedimento receberam um horóscopo e três perfis de personalidade, um dos quais pertencia ao sujeito do horóscopo. Sua tarefa era interpretar o horóscopo e selecionar qual dos três perfis se encaixaria nele. Embora os astrólogos tivessem previsto que eles acertariam mais de 50%, o índice real em 116 tentativas foi de 34% de acertos—exatamente o que se esperaria se eles “chutassem”. Carlson publicou seus resultados na conceituada revista científica “Nature”, em 5 de dezembro de 1985, para o devido constrangimento da comunidade astrológica.

Outros testes mostram que raramente importa o que o horóscopo diz, enquanto o sujeito achar que as interpretações foram feitas para ele (ou ela) pessoalmente. Alguns anos atrás o estatístico francês Michel Gauquelin enviou o horóscopo de um dos piores assassinos da História Francesa a 150 pessoas, perguntando como elas se enquadravam naquela descrição; 94% das pessoas disseram que tinham aquelas características.

Geoffrey Dean, um pesquisador australiano que realizou testes extensivos de astrologia, inverteu as leituras astrológicas de 22 pessoas, substituindo frases por outras que diziam o oposto do que o horóscopo afirmava. Ainda assim, as pessoas nesse estudo disseram que as leituras se aplicavam a elas tão freqüentemente (95% das vezes) quanto às pessoas a quem foram dadas as leituras corretas. Aparentemente, aqueles que procuram astrólogos desejam apenas uma orientação, qualquer que seja ela.

Algum tempo atrás os astrônomos Culver e Ianna seguiram as previsões publicadas de astrólogos famosos e organizações astrológicas por cinco anos. Dentre mais de 3.000 previsões (incluindo muitas sobre políticos, estrelas de cinema e outras pessoas famosas), somente cerca de 10% realmente aconteceram. Repórteres experientes poderiam fazer bem melhor por “tentativa orientada”.

Se as estrelas levam os astrólogos a previsões erradas 9 vezes em 10, elas dificilmente poderão servir de guias confiáveis para decisões de vida ou problemas de estado. Ainda assim, milhões de pessoas, incluindo a antiga primeira dama dos EUA, parecem confiar cegamente nelas.

Claramente, aqueles dentre nós que gostam de astronomia não devem esperar simplesmente que a paixão do público para com a astrologia desapareça. Devemos nos pronunciar sempre que a ocasião for útil ou adequada—para discutir as falhas da astrologia e encorajar um interesse no cosmo real, de mundos e sóis remotos que são impiedosamente indiferentes às vidas e desejos das criaturas do planeta Terra. Não permitamos que outra geração de jovens cresça amarrada a uma fantasia antiga, reminiscência do tempo em que nos aconchegávamos junto à fogueira, com medo da noite.